

AS CONTRIBUIÇÕES DE ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS, NA LITERATURA BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA NEGRA

Enilma dos Santos Bachega¹
Vera Lucia Moraes de Oliveira¹
Daniele Cristina da Silva²

RESUMO: Este artigo investiga as contribuições do romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, para a formação da literatura brasileira, sob a perspectiva da autoria feminina negra, compreendida como trabalho intelectual e artístico historicamente silenciado pelos modelos eurocêntricos e patriarcais que predominam nos espaços de poder. Inicialmente, apresenta-se um estudo sobre a literatura do século XIX e seu projeto de construção de uma identidade nacional, situando *Úrsula* nesse contexto de produção para, em seguida, analisá-lo como forma de resistência da escritora. Por fim, examinam-se as construções estéticas das personagens femininas negras e o lugar social das mulheres afrodescendentes no universo ficcional.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Romantismo; Autoria feminina negra.

LAS CONTRIBUCIONES DE ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS, A LA LITERATURA BRASILEÑA DE ESCRITORAS NEGRAS

RESUMEN: Este artículo investiga las contribuciones de la novela *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, a la formación de la literatura brasileña, desde la perspectiva de la autoría femenina negra, entendida como un trabajo intelectual y artístico históricamente silenciado por los modelos eurocéntricos y patriarcales que predominan en los espacios de poder. En primer lugar, se presenta un estudio sobre la literatura del siglo XIX y su proyecto de construcción de una identidad nacional, situando *Úrsula* en ese contexto de producción para, posteriormente, analizarla como una forma de resistencia de la escritora. Finalmente, se examinan las construcciones estéticas de los personajes femeninos negros y el lugar social de las mujeres afrodescendientes en el universo ficcional.

Palabras-clave: Literatura Brasileña; Romanticismo; Autoría femenina negra.

Introdução

O século XIX brasileiro foi marcado por profundas desigualdades estruturais, sustentadas por um sistema escravocrata, patriarcal e elitista que restringia o acesso das mulheres — sobretudo negras — aos espaços de produção intelectual e de participação social. Nesse cenário excludente, emerge de forma pioneira a figura de Maria Firmina dos Reis, mulher negra, nordestina e professora, nascida em 1825, em São Luís do Maranhão, filha de uma ex-escravizada alforriada. Em 1847, aos 22 anos, tornou-se a primeira mulher aprovada

¹ Acadêmica do Curso de Letras/Espanhol da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

² Professora de Língua Espanhola, Língua Portuguesa e Literatura do IFMT-campus Tangará da Serra; Professora Orientadora de TCC do Curso de Letras UNEMAT-DEAD.

em concurso público para o magistério primário na vila de Guimarães — feito extraordinário para uma mulher negra em um país ainda escravocrata.

Seu romance *Úrsula*, publicado anonimamente em 1859 sob o pseudônimo “Uma Maranhense”, é considerado o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira. Apesar de seu caráter inovador, a obra foi negligenciada pela crítica e esquecida pelo público durante mais de um século, sendo redescoberta apenas em 1962 por Horácio de Almeida. Desde então, *Úrsula* vem sendo reconhecido como um marco da literatura nacional, especialmente por sua perspectiva crítica em relação à escravidão, ao patriarcado e à marginalização de sujeitos negros e femininos.

Este artigo tem como objetivo analisar *Úrsula* à luz de seu contexto histórico e social no século XIX, evidenciando sua importância como obra de resistência, denúncia e inovação no cenário literário brasileiro. A pesquisa se organiza em quatro eixos temáticos: **(1)** *Maria Firmina dos Reis e seu romance Úrsula: reflexões sobre o contexto histórico e social do século XIX* — contextualização da trajetória da autora e do ambiente sociopolítico que moldou sua produção; **(2)** *Um romance de denúncia sob a ótica de Maria Firmina dos Reis* — análise do caráter crítico da obra frente à ordem patriarcal e escravocrata; **(3)** *Forma e conteúdo em Úrsula* — abordagem dos aspectos estéticos e estruturais do romance, articulados ao seu conteúdo político e social; e **(4)** *A representação das personagens negras no universo ficcional de Úrsula* — estudo da construção de sujeitos negros, com destaque para a humanização e o protagonismo de personagens como Túlio, Susana e Antero.

A partir desses eixos, propõe-se examinar como Maria Firmina dos Reis rompeu com os paradigmas dominantes de seu tempo, conferindo à literatura um espaço para denunciar desigualdades e afirmar vozes historicamente silenciadas. O referencial teórico apoia-se em autoras como Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro e Carolina Maria de Jesus, cuja produção intelectual reforça a urgência de resgatar e valorizar as contribuições de mulheres negras na literatura brasileira. Ao escrever *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis não apenas ocupou um espaço interditado às mulheres negras de seu tempo, mas também construiu uma narrativa de resistência que permanece atual tanto em suas denúncias quanto em seu gesto político de escrita.

Maria Firmina dos Reis e seu romance *Úrsula*: Reflexões sobre o contexto histórico e social do século XIX

É fundamental contextualizar a obra de Maria Firmina dos Reis, especialmente o romance *Úrsula*, no cenário sociopolítico do Brasil do século XIX. Naquele período, o país vivia sob um regime escravocrata e patriarcal, governado pelo Império — a República seria proclamada apenas em 1889. Publicado quase trinta anos antes da abolição da escravatura (1888), o romance, de caráter abolicionista, revela-se pioneiro e profundamente crítico em relação à realidade de sua época.

No século XIX, a participação feminina na vida pública era extremamente limitada. A maioria das mulheres não tinha acesso à educação formal, sendo confinada quase exclusivamente ao espaço doméstico. Esse quadro fica evidente no relatório sobre o ensino público elaborado, em 1873, por Antônio de Almeida Oliveira, que apresenta dados alarmantes sobre a educação feminina durante o Segundo Reinado:

- No Império, apenas 182.926 crianças estavam matriculadas na escola, sendo o acesso feminino praticamente insignificante.
- Das 4.890 escolas de ensino primário existentes, apenas 1.752 eram destinadas às meninas — 1.339 públicas e 413 particulares —, totalizando 50.758 alunas.
- No ensino secundário, a disparidade era ainda maior: dos 358 estabelecimentos, apenas 85 atendiam ao sexo feminino, sendo 1 público e 84 particulares, com um total de 2.554 alunas.

Esses dados evidenciam que o trabalho de Maria Firmina dos Reis não foi apenas um marco literário, mas também um ato de resistência e afirmação social, especialmente diante das restrições impostas às mulheres no campo da educação e da participação social. Como observa Duarte (1987, p. 87-88), mesmo para mulheres instruídas e pertencentes às camadas mais privilegiadas, o caminho para se tornarem escritoras era árduo, pois sem instrução “não teriam a menor chance de se tornar escritoras, por maior que fosse a vocação”.

Zahidé Muzart (2000, p. 264) ressalta que a atuação de Maria Firmina na imprensa local e na vida literária foi intensa, com diversas publicações em periódicos como *A Verdadeira Marmota*, *Semanário Maranhense* e *O País*. Embora *Úrsula* tenha sido publicada em 1859, apenas em 1962, com a identificação e estudo do romance pelo pesquisador Horácio de Almeida, a obra ganhou visibilidade e passou a ser analisada pela crítica.

Nesse contexto, destaca-se o protagonismo de Maria Firmina, que, apesar das adversidades impostas às mulheres de sua época — especialmente àquelas que ousavam

ultrapassar os limites do espaço doméstico —, conseguiu inserir-se no universo intelectual. Vale lembrar que, naquele período, quando uma mulher se aventurava na escrita, esperava-se que abordasse apenas temas considerados “femininos”, como culinária, poesia ou narrativas leves. Questões de cunho político, social ou estrutural eram reservadas aos homens. *Úrsula*, entretanto, rompeu com essas barreiras ao tratar da escravidão, da opressão e das desigualdades sociais, ocupando um espaço praticamente interditado às mulheres.

No romance, é possível identificar características do Romantismo, mas sob uma perspectiva singular e inovadora. Mulher negra, com postura explicitamente antiescravagista e antipatriarcal, Maria Firmina constrói uma narrativa que denuncia a violência física, moral e simbólica sofrida por sujeitos escravizados, além de evidenciar as múltiplas formas de opressão a que as mulheres — negras e brancas — eram submetidas. Essa posição se explicita já no prólogo da obra, quando a autora assume as limitações impostas pelo gênero e pela falta de instrução, mas reafirma seu compromisso com a denúncia social:

[...] Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. (Reis, 2018, p. 12).

Durante muito tempo, o romance *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães (1875) — publicado dezesseis anos depois de *Úrsula* —, foi erroneamente reconhecido como o primeiro romance abolicionista brasileiro, enquanto a obra de Maria Firmina permaneceu esquecida pela historiografia literária até 1975, quando ganhou edição fac-similar organizada por Horácio de Almeida.

Além de *Úrsula*, Maria Firmina publicou *Gupeva* (1861/1862), poesias no *Parnaso Maranhense* (1861), *Cantos à beira-mar* (1871), *A escrava* (1887) e o *Hino da libertação dos escravos* (1888). Também idealizou a primeira escola mista do país e foi aprovada, aos 22 anos, em concurso público para o magistério primário, ato inédito para uma mulher negra naquele contexto.

Maria Firmina esteve ao lado de outras mulheres negras nordestinas, como Auta de Souza, Esperança Garcia e Militana Salustino do Nascimento, cujas produções registram e preservam a cultura afro-brasileira, denunciando o machismo, o racismo e a escravidão.

Um romance de denúncia sob a ótica de Maria Firmina dos Reis

Em 1962, Horácio de Almeida encontrou, em um sebo do Rio de Janeiro, um exemplar assinado pelo pseudônimo “Uma Maranhense”. Ao investigar, identificou a autora como Maria Firmina dos Reis e revelou que a obra havia sido publicada em 1859. No prólogo da edição fac-similar, Almeida expressa espanto pelo esquecimento da autora, especialmente por sua produção ter surgido no Maranhão — província conhecida como “Atenas brasileira” — e atribui tal apagamento ao fato de ela ser mulher em um período marcado pela proclamada “superioridade masculina” (Almeida, 1975, p. I).

Zahidé Muzart (1999) reforça que a ausência de mulheres na historiografia literária do século XIX não é fruto do acaso, mas resultado de um processo sistemático de exclusão, apesar de existirem escritoras lidas e elogiadas à época. Para Muzart (1995, p. 86), o estudo do cânone está condicionado a fatores como ideologia dominante, gênero, raça e classe social, determinando quais autores serão lembrados ou esquecidos.

No contexto de hegemonia eurocêntrica masculina branca, no qual estava inserida Maria Firmina, compreendemos o romance *Úrsula* como um discurso literário que rompeu o apagamento imposto às mulheres negras. Ao escrever a partir de sua vivência como mulher negra no Brasil escravocrata, Maria Firmina lança sua escrita como uma maneira de ocupar e legitimar esse espaço, como defendido por Djamila Ribeiro, ao afirmar que todos falam a partir de um lugar social e histórico, e que a negação desse lugar às mulheres negras é uma forma de silenciamento. A partir do marcador *identidade*, a filósofa lembra a inexistência de discursos neutros, posto que na lógica do poder, as identidades são construídas e utilizadas por seus detentores para privilegiar ou oprimir. Portanto,

[...] as desigualdades são criadas pelo modo como o poder articula essas identidades; são resultantes de uma estrutura de opressão que privilegia certos grupos em detrimento de outros (Ribeiro, 2017, p. 31).

A escrita de Maria Firmina é, portanto, uma maneira de reivindicar o “lugar de fala” da mulher negra para narrar a si e aos seus a partir da sua própria voz. *Úrsula* destaca-se por ser escrita por uma mulher negra e por abordar temas que atingiam diretamente grupos marginalizados. Maria Firmina descreve a sociedade escravagista e patriarcal do século XIX, enfrentando a dupla opressão de gênero e raça. Como observa Bezerril (2023, p. 19), a autora,

embora reconhecida em seu tempo, foi apagada por um processo de “amnésia coletiva” da historiografia literária, que ainda hoje naturaliza o esquecimento de mulheres negras.

Para Djamila Ribeiro, o “apagamento” da produção intelectual e do ativismo de feministas negras, presentes desde o período escravocrata, foi resultado de um processo sistemático de invisibilização. Tal ausência de reconhecimento em relação a seus discursos e práticas de luta tornou-se, portanto, motivo de denúncia por parte da autora, que evidencia essa invisibilidade como fruto de um histórico silenciamento e marginalização.

Nessa perspectiva, compreendemos o caráter pioneiro do romance *Úrsula*, no confronto das estruturas de dominação. A narrativa se afasta do ideal romântico presente em obras como *Cinco Minutos* (1856) e *A Viuvinha* (1857), de José de Alencar, e também do heroísmo nacionalista de *O Guarani* (1857). Em *Úrsula*, os relacionamentos amorosos expõem as opressões estruturais impostas pela ordem patriarcal. Andreta (2013, p. 40) observa que a obra retrata “uma sociedade submetida às contingências arbitrárias da ordem patriarcal”. Ao contrário de outros autores homens com ideais antiescravagistas, Maria Firmina dá protagonismo às vozes negras, humanizando-as e reconhecendo sua memória, sentimentos e identidade (Mendes, 2011, p. 79).

Bora (2006, p. 83) ressalta que a denúncia ao sistema patriarcal conduz, na narrativa, ao fracasso e à morte de quem ousa enfrentá-lo, como no caso da personagem Fernando P., que encarna o poder de vida e morte sobre os que resistem à sua autoridade. Essa crítica se manifesta também no discurso da personagem Susana ao filho Túlio, em que denuncia as estruturas de opressão.

A postura ética e crítica de Maria Firmina também se evidenciou fora da ficção. Ao assumir o cargo no magistério, recusou-se a ser transportada em palanquim por pessoas escravizadas, afirmando: “Negro não é animal para se andar montado nele”, optando por caminhar a pé — gesto interpretado por Moraes Filho (1975) como símbolo de seu ideal libertário.

Assim, Maria Firmina dos Reis, que por vezes assinava como “Uma Maranhense”, não apenas escreveu *Úrsula*, mas também fundou a primeira escola mista do Maranhão, reforçando seu compromisso com a justiça social e a emancipação de negros e mulheres.

Configuração dos personagens negros no universo ficcional de *Úrsula*

O romance *Úrsula* apresenta uma narrativa trágica ambientada em uma localidade descrita como “uma das nossas melhores, e mais ricas das províncias do Norte” (Reis, 2018, p. 16). Essa referência pode ser interpretada como uma alusão ao Maranhão — conhecido, à época, como a “Atenas Brasileira”, em razão de sua efervescência cultural.

O romance, escrito por uma mulher afrodescendente, possibilita que personagens negros ocupem de forma contínua o espaço narrativo, com relevância crescente ao longo da trama — especialmente no caso de Túlio, Susana e Antero. Maria Firmina dos Reis confere a essas figuras ficcionais identidade, sensibilidade, voz e complexidade, rompendo com a tradição literária do século XIX, que, em geral, retratava personagens negros de forma marginal ou sob a perspectiva de autores brancos. Mendes (2011, p. 79) observa que ao atribuir humanidade plena aos personagens negros, Maria Firmina lhes confere a condição de “ser humano privilegiado, portador de sentimentos, memória e alma” — aspectos até então negados na literatura brasileira.

Por outro lado, a escritora é capaz de construir um discurso ficcional de denúncia ao sistema escravocrata, sem, no entanto, alienar os leitores brancos de sua época. Andreta (2013, p. 40) identifica nessa perspicácia de Maria Firmina uma “estratégia autoral” para retratar a escravidão como algo “odioso”, mas sem “endurecer a sensibilidade do jovem negro”.

Essa valorização da subjetividade negra é ilustrada logo no início da obra, por meio da relação entre o cavaleiro e o escravo que o salva. Consta-se, nesse momento da narrativa, uma simetria de valores morais entre os dois personagens, independentemente de sua condição social ou racial:

Apesar da febre, que despontava, o cavaleiro começava a coordenar suas ideias, e as expressões do escravo, e os serviços que lhe prestara, tocaram-lhe o mais fundo do coração. É que em seu coração ardiam sentimentos tão nobres e generosos como os que animavam a alma do jovem negro: por isso, num transporte de íntima e generosa gratidão, o mancebo, arrancando a luva que lhe calçava a destra, estendeu a mão ao homem que o salvara. Mas este, confundido e perplexo, religiosamente ajoelhando, tomou respeitoso e reconhecido essa alva mão, que o mais elevado requinte de delicadeza lhe oferecia, e com humildade tocante extasiado beijou-a. (Reis, 2018, p. 20).

Essa cena sintetiza o gesto de dignificação do personagem negro, apresentando-o como sujeito dotado de honra, coragem e sensibilidade. Desse modo, *Úrsula* rompe com o

paradigma da inferiorização racial e antecipa discussões que, décadas depois, seriam abordadas por intelectuais negros e negras nas lutas por representação e justiça social.

Em *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis rompeu com os estereótipos dominantes do século XIX ao construir personagens negros com subjetividade, complexidade e protagonismo. Como destaca Mendes (2011, p.5), a autora “deu ao negro configuração até então negada: a de ser humano privilegiado, portador de sentimentos, memória e alma”. Essa abordagem se opõe frontalmente à visão romantizada e subjugadora da população negra, amplamente difundida pela literatura do período, que retratava o escravizado como figura servil, sem voz ou consciência crítica.

Personagens como Túlio, Susana e Antero não apenas existem na narrativa, mas ganham corpo e história. Representam, segundo Mendes (2011, p. 17), afro-brasileiros conscientes de sua condição e de seu potencial como indivíduos e como grupo racial. A partir da ótica da narradora, a escravidão é denunciada como uma instituição odiosa, mas sem perder de vista a humanidade e a sensibilidade dos sujeitos subalternizados.

Túlio, no início da narrativa, é um jovem negro, vítima da brutalidade do sistema escravocrata, mas que se mantém íntegro, compassivo e leal. Ele socorre Tancredo após um acidente, carregando-o nas costas até a casa de Úrsula. Essa atitude suscita uma reflexão proposta por Grada Kilomba (2019) em *Memórias da Plantação*, qual seja: será que um homem branco faria o mesmo por um negro ferido? Essa inversão simbólica da lógica colonial revela o olhar crítico da autora maranhense.

Na perspectiva da narradora, Túlio expressa-se com lucidez sobre a realidade de seu povo: [...] Oh! A mente isso sim ninguém a pode escravizar! Nas asas do pensamento o homem remonta-se aos ardentes sertões da África [...]” (Reis, 2018, p. 28). Essa passagem evidencia a dicotomia entre corpo cativo e espírito livre, valorizando a dimensão intelectual do personagem, geralmente negada aos negros na literatura canônica.

Susana, por sua vez, figura como uma mulher africana escravizada e idosa, que acolhe Túlio como filho após este ser separado de sua mãe biológica. Sua história de vida, contada em tom confessional e com forte carga emocional, representa a ruptura de um imaginário que excluía as mulheres negras da narrativa histórica. Ela relata com detalhes a violência da travessia atlântica, comparando o navio negreiro a uma “sepultura”, e denuncia o sistema escravista com contundência:

Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé [...]; davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez [...] muitos não

deixavam chegar esse último extremo — davam-se à morte. (Reis, 2018, p. 88).

Essa fala mostra que, diferente da representação do escravizado como passivo, Susana expressa dor, consciência e resistência. Ela incorpora, ainda, a figura materna e espiritual, sendo fundamental na formação ética de Túlio.

Ao construir esses personagens com profundidade e voz própria, Maria Firmina dos Reis antecipa o que autoras negras viriam a teorizar no século XX. Lélia Gonzalez, em *Racismo e sexismo na cultura brasileira*³ (1984), por exemplo, denuncia que a experiência da mulher negra não pode ser reduzida a uma soma de racismo e sexismo, pois a opressão a atinge de forma específica, tornando-a alvo de múltiplas camadas de violência. A personagem Susana é, nesse sentido, precursora da figura da mulher negra como sujeito histórico, que resiste, educa e denuncia.

Antero, o terceiro da tríade, é um personagem que ilustra as marcas da decadência provocada pelo sistema escravista. Um velho homem entregue ao alcoolismo e à amargura, guarda as celas onde Fernando P. tortura seus cativos. Sua função, aparentemente menor, carrega o símbolo da vigília opressiva e da falência moral de uma sociedade que se sustenta na desumanização do outro.

A escolha de Firmina por publicar *Úrsula* sob o pseudônimo “Uma Maranhense” revela sua consciência do ambiente machista, racista e elitista em que vivia. A autora, mulher negra e filha de uma ex-escravizada, sabia que sua obra, caso fosse associada diretamente à sua identidade, seria marginalizada.

Maria Firmina dos Reis, mulher negra e filha de uma ex-escravizada, tinha consciência de que, caso sua obra fosse associada diretamente à sua identidade, seria marginalizada — um fenômeno que continuou a marcar nossa sociedade. Um século depois, a trajetória de Carolina Maria de Jesus - favelada, letrada e autora de *Quarto de despejo* - evidencia essa permanência: o cenário literário pouco havia se transformado, mantendo as mesmas barreiras que restringiam a visibilidade e o reconhecimento das escritoras negras. Em seus respectivos contextos históricos, Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus ousaram desafiar as barreiras que tentavam silenciar e limitar a presença das mulheres negras no campo literário e intelectual.

³ Artigo apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1980.

Ao dar voz a seus personagens e denunciar, com sensibilidade e estratégia, os horrores da escravidão e da opressão patriarcal, *Úrsula* torna-se uma obra fundamental para a compreensão não apenas do passado colonial brasileiro, mas também dos reflexos dessas estruturas no presente.

Considerações finais

A obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, configura-se como um marco pioneiro na literatura brasileira não apenas por ser o primeiro romance abolicionista escrito por uma mulher negra, mas também por inaugurar um olhar sensível e crítico sobre a escravidão e o patriarcado. Ao construir personagens negros com subjetividade, complexidade e protagonismo, a autora rompe com o imaginário literário dominante do século XIX, que relegava essas figuras à marginalidade ou as retratava sob a ótica eurocêntrica e desumanizadora. Sua narrativa, elaborada em um contexto de severas restrições à atuação feminina no campo intelectual, evidencia a potência da escrita como instrumento de resistência e de afirmação identitária.

A escolha de publicar sob pseudônimo revela a consciência de Maria Firmina sobre as barreiras estruturais que marcavam o cenário literário e social de sua época. Esse gesto ecoa no século seguinte, quando autoras como Carolina Maria de Jesus também enfrentaram a marginalização e o apagamento, apesar da relevância de suas produções. Ao estabelecer um diálogo histórico entre essas escritoras, é possível compreender que o campo literário brasileiro, embora permeado por discursos de modernização e democratização cultural, mantém mecanismos de exclusão que limitam o reconhecimento das mulheres negras. A escrita de Firmina, portanto, não se restringe a um ato individual, mas insere-se em uma tradição de resistência coletiva, que persiste até a contemporaneidade.

Por fim, compreender *Úrsula* como obra de denúncia e de reivindicação do “lugar de fala” da mulher negra é reconhecer seu valor não apenas literário, mas também político e social. O romance de Maria Firmina dos Reis antecipa debates sobre raça, gênero e poder que ganhariam força apenas no século XX, dialogando diretamente com perspectivas teóricas de autoras como Lélia Gonzalez, Djamilá Ribeiro e Grada Kilomba. Assim, recuperar e estudar a obra de Firmina é um ato de reparação histórica e de afirmação de que a literatura brasileira é, e sempre foi, plural em vozes e experiências — embora muitas tenham sido silenciadas. Nesse

sentido, *Úrsula* permanece atual e necessária, convocando leitores e estudiosos a refletirem sobre as continuidades das desigualdades e sobre o papel transformador da palavra escrita.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Horácio de. Prólogo. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Edição fac-similar organizada por José Nascimento Moraes Filho. Prefácio de Horácio de Almeida. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora; São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, p. III-VIII.

ANDRETA, Regina. **A mulher e a literatura no século XIX: entre o amor e o trabalho**. São Paulo: Ed. UNESP, 2013.

BEZERRIL, Talita. **Maria Firmina dos Reis: ecos de uma escrevivência negra no Brasil oitocentista**. In: Anais do Congresso Nacional de Estudos Literários, 2023. p.29-50.

BORA ZÉLIA, M. A Diáspora afro-brasileira em *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis. **Revista del CESLA**. 2006, (9), 77-86. 20 de maio de 2025. ISSN: 1641-4713. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=243316413005>.

DE JESUS, C. M. **Quarto de Despejo: Diário de uma favelada**. São Paulo: Paulo de Azevedo Ltda, 1960.

DUARTE, Constância Lima. **Mulheres e literatura: uma introdução crítica**. Belo Horizonte: UFMG, 1987.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira e Bárbara Tavares. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MENDES, Ivanaldo Santos. Maria Firmina dos Reis: um olhar crítico sobre a construção de personagens negras no romance *Úrsula*. In: **Anais do ENANPOLL**, 2011. p. 5-79.

MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida**. São Luís: Imprensa do Governo do Maranhão, 1975.

MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, n. 3, p. 85-94, 1995.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Escritoras brasileiras do século XIX: Antologia**. Florianópolis: Mulheres, 1999.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Maria Firmina dos Reis: memória resgatada. In: **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 263-271, 2000.

OLIVEIRA, A. de Almeida. **O ensino público**. [1873]. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003. 376 P. (Edições do Senado Federal; v. 4). Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1072>. Acesso em 20/05/2025.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. 2 ed. Fac-similar. Organização de Horácio de Almeida. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O lugar de fala**. São Paulo: Letramento; Pólen, 2017. (Coleção Feminismos Plurais).